

Palestina será sempre um Estado capturado ?

Publicado em 2025-09-20 10:08:21



Hezbollah, Palestina e o Perigo de um Estado Capturado

Quando o reconhecimento se torna uma armadilha



No dia **19 de setembro de 2025**, o vice-líder do Hezbollah, **Naim Qassem**, declarou:

“Israel é o principal inimigo da região.” E apelou à unidade regional em torno dessa ideia.

Esta frase, vinda do núcleo do grupo armado xiita libanês — fortemente apoiado pelo Irão e com laços estratégicos com o Hamas — lança uma sombra espessa sobre as recentes decisões de países europeus de **reconhecer o Estado da Palestina**.

O risco de legitimar o inimigo da paz

O que era suposto ser um gesto de justiça e diplomacia — reconhecer o direito dos palestinianos a um Estado — corre o risco de se tornar um erro estratégico colossal. Porque, no atual contexto, **não está garantido que esse Estado nasça livre de captura extremista.**

O Hezbollah não esconde a sua intenção: aproveitar o reconhecimento para unir milícias e estados sob a bandeira do ódio a Israel. A sua frase é clara: *“Israel é o inimigo comum. Unamo-nos.”*

Este não é um discurso de autodeterminação. É **um grito de guerra religiosa, política e ideológica.**

Reconhecer um Estado ou legitimar um campo de batalha?

A pergunta que poucos se atrevem a fazer é esta:

Estamos a reconhecer um futuro Estado Palestiniانو soberano?

Ou estamos, sem querer, a legitimar uma zona

cinzenta, infiltrada por braços armados do Irão, pelo Hamas, pelo Hezbollah e por outras forças que só conhecem uma linguagem: a destruição?

O Hamas continua ativo, armado, com apoio popular em Gaza. O Hezbollah avança com retórica agressiva. O Irão mantém financiamento e armas. E a Rússia, nas sombras, aproveita-se da desordem.

Neste quadro, **reconhecer um Estado Palestino sem garantias mínimas de desmilitarização, neutralidade e supervisão internacional** é como construir uma casa sobre terreno sísmico — e assinar a escritura com os olhos vendados.



O que seria necessário

Para que o reconhecimento não se transforme em **legitimação do extremismo**, seria necessário:

- Um plano internacional de segurança e estabilização, estilo “Kosovo” ou “Timor”.
- A desmilitarização total das milícias armadas, com apoio dos países árabes moderados.
- Um governo palestino unido, legítimo, laico e aceite pelas Nações Unidas.
- Supervisão internacional da educação, da imprensa e do uso de fundos externos.

Sem isso, estamos apenas a pintar uma bandeira sobre um campo de treino.

Conclusão

O reconhecimento do Estado da Palestina deve ser **um passo rumo à paz** — não **um presente envenenado oferecido aos arquitetos do ódio**.

Enquanto vozes como as do Hezbollah ecoarem livremente, apelando à guerra sob o disfarce da resistência, reconhecer a Palestina sem blindagens é como **pousar um facho aceso num palheiro encharcado de gasolina geopolítica**.

“Se a liberdade não for protegida da tirania, ela será apenas um eco da violência com nome de Estado.”

Negociar com o Terrorismo : Um Aviso à Diplomacia Europeia que navega à vista da costa.

“Negociar com terroristas é fazer um pacto com o mal extremo.” — Francisco Gonçalves

Há momentos em que a diplomacia não é prudência — é cobardia disfarçada de neutralidade. Quando o

mundo estende a mão ao terror, não oferece paz — oferece legitimidade ao crime.

O terrorista não é um negociador. Não busca compromisso, mas rendição. A sua lógica é binária: **vencer ou matar**, dominar ou destruir. Ele não escuta — espera pela fraqueza do outro.

Artigo por Francisco Gonçalves, com coautoria de Augustus Veritas — Fragmentos do Caos, Setembro 2025.



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)